

## DRÁCULA DE BRAM STOKER (1992): UMA ADAPTAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

MAYTÊ REGINA VIEIRA\*

O cinema é, por excelência, uma fonte histórica de importância inquestionável na história contemporânea por sua capacidade de atingir a todos, de moldar mentalidades, sentimentos e emoções além de alcançar, com grande facilidade, parcelas variadas de todas as camadas sociais e culturais;

Seu caráter ficcional e sua linguagem explicitamente artística, por um lado, lhe conferem uma identidade de documento estético, portanto, à primeira vista, subjetivo. Sua natureza técnica, sua capacidade de registrar e, hoje em dia, de criar realidades objetivas, encenadas num outro tempo e espaço, remetem, por outro lado, a certo fetiche da objetividade e realismo, [...] A força das imagens, mesmo quando puramente ficcionais, tem a capacidade de criar uma realidade em si mesma, ainda que limitada ao mundo da ficção, da fábula encenada e filmada. (NAPOLITANO, 2005:237)

Este é o questionamento que buscamos apresentar neste trabalho, a maneira como o cinema cria uma sensação de realidade, que fica mais explícito quando as obras ficcionais usam um personagem histórico passando a idéia para o público que o que está retratado no filme realmente aconteceu, criando distorções históricas que se tornam verdades absolutas. Não temos aqui a pretensão de fazer uma análise cinematográfica ou literária, apenas confrontar filme e história através de uma abordagem histórica, pois “[...] o historiador, ao analisar um filme, não precisa obrigatoriamente fazer uma abordagem semiológica ou estética, ou ainda, enquadrá-lo dentro da história do cinema.” (PRADO, 2001:102).

A obra que elegemos para análise é a adaptação cinematográfica do romance *Drácula* escrito pelo irlandês Bram Stoker em 1897. *Drácula de Bram Stoker*, dirigido e produzido por Francis F. Coppola, em 1992 foi considerada a versão mais fiel ao livro. De acordo com Guaranha (2007:26), é uma constante no cinema a adaptação de obras literárias por diferentes motivos. Em algumas adaptações o cineasta pode, entre outros motivos, adaptar a obra para dialogar com o original recriando ou atualizando idéias do

autor. Acreditamos que seja este o caso da adaptação de Coppola visto que ele manteve os principais elementos da narrativa literária, mas alterou a relação entre os personagens e aprofundou a conexão histórica feita por Stoker. Até mesmo porque a diferença de linguagens entre literatura e cinema não torna possível a retratação fiel de um livro no cinema.

A possibilidade que se apresenta como saudável, tanto para a obra literária original como para o produto cinematográfico que se extrai dela, é recriar, fazer nascer, a partir do objeto artístico escrito, um novo objeto artístico filmado. Haja vista que a obra literária já é produto de uma leitura da realidade, o filme é uma leitura da obra literária. (GUARANHA, 2007:26-27)

O filme inicia com uma introdução à história de Drácula informando que esta se passa no ano de 1462 após a queda de Constantinopla quando os turcos otomanos tentavam dominar a Europa através das fronteiras orientais pela Transilvânia (atual Romênia). Para combatê-los surgiu um cavaleiro da Ordem do Dragão chamado Draculea. Saindo em combate ele deixa à sua espera a noiva, Elisabeta.

As cenas que se referem à batalha mostram os inimigos sendo empalados, numa clara alusão à Vlad Tepes, o Empalador, personagem histórico mencionado de forma sutil por Stoker. Vencendo a batalha, ele se ajoelha e agradece à Deus por seu sucesso. Para se vingar da vitória os turcos atiram uma flecha no castelo dando a falsa notícia da morte de Drácula. Elisabeta, em desespero, se atira no rio cometendo o maior dos sacrilégios, o suicídio.

Ao retornar ele encontra a noiva morta e é informado pelos padres ortodoxos que sua alma não encontrará descanso, conforme os preceitos da tradição católica ortodoxa. Drácula se revolta e crava sua espada na cruz, renunciando a Deus e bebendo o sangue que começa a jorrar do corte feito no objeto sagrado, assim se autocondenando às trevas. Em seguida, o filme muda o espaço e o tempo mostrando a Inglaterra quatro séculos depois, onde Jonathan Harker, um advogado em ascensão, se prepara para viajar à Transilvânia com o intuito de fechar a venda de terrenos à um nobre boiardo, o conde Drácula.

Esta seqüência de cenas contém uma série de elementos que poderiam ser analisados, a representação do sangue, do suicídio, os empalamentos e a própria cruzada pela libertação de Constantinopla, porém o que nos interessa neste trabalho é a conexão

definitiva que Coppola faz entre Drácula, o vampiro e Drácula, o personagem histórico fundindo-os em um só personagem.

No livro, a narrativa de Stoker inicia com as impressões da viagem à Transilvânia escritas por Jonathan Harker em seu diário, demonstrando que o prólogo do filme foi criado na adaptação de Coppola. De acordo com Melton (2003:168), o roteiro foi adaptado por Jim Hart, para isto ele utilizou além do romance de Bram Stoker, as pesquisas feitas pelos historiadores Raymond McNally e Radu Florescu sobre o Drácula histórico com a intenção de dar maior veracidade à obra. No livro, ele é citado várias vezes, ainda assim sem uma referência direta, apenas menção aos seus feitos e sua história. Existem dois diálogos em que fica evidente o conhecimento de Stoker sobre o Drácula histórico, uma aparece no capítulo 3 onde o próprio vampiro fala ao assustado Jonathan Harker sobre sua família,

[...] Quem, senão um homem da minha raça que, como voivode<sup>1</sup>, cruzou o Danúbio e derrotou os turcos em seus próprios domínios! Este era um Drácula de fato. Quem era esse, cujo irmão indigno, quando derrotado, vendeu seu povo aos turcos e derramou a vergonha da escravidão sobre eles! Não era senão esse Drácula, na realidade, que deu inspiração aos outros de sua raça e que, mais tarde, levou suas forças repetidamente por sobre o rio até a Turquia; ele que, quando voltou derrotado, voltou de novo, e de novo, embora tenha retornado do campo sangrento onde suas forças tinham sido massacradas, pois sabia que sozinho poderia finalmente triunfar! Dizem que ele só pensava em si. Bah! Para que servem os camponeses sem um líder? Onde termina a guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Novamente, quando após a batalha de Mohacs, nos libertamos do jugo dos húngaros, nós, os Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não podia tolerar que não fôssemos livres. [...] (STOKER, 2002:259)

Outra menção é feita no capítulo 18 quando o Dr. Van Helsing descreve quem ou o que é o vampiro que os homens estão caçando<sup>2</sup>,

Pedi a meu amigo Arminius, da Universidade de Budapeste, que fizesse uma pesquisa de sua história; de acordo com todas as fontes disponíveis, ele me fez um relato do que foi esse vampiro no passado. Deve ter, de fato, sido aquele voivode Drácula que ganhou renome lutando contra os turcos, sobre o grande rio na fronteira com o próprio território inimigo. Se for verdade, então

---

<sup>1</sup> Nobre, governante.

<sup>2</sup>Drácula de Bram Stoker trata da história de um vampiro secular, o conde Drácula, que tem interesse em se estabelecer na Inglaterra do século XIX. Ao descobrir seus planos, o advogado Jonathan Harker, auxiliado por sua esposa Mina Harker e seus amigos, um médico, um nobre e um cientista, o famoso Dr. Van Helsing, partem em busca do monstro para destruí-lo antes que ele domine e espalhe o terror por Londres.

ele não era um homem qualquer; naquela época, e pelos séculos que se seguiram, falavam dele como o mais perspicaz e engenhoso, bem como o mais valente dos filhos da “terra para além da floresta”<sup>3</sup> (STOKER, 2002:480)



Vlad Tepes, Vlad Besarab ou Drácula.

Para escrever seu livro, Stoker gastou anos de pesquisa em bibliotecas e museus, muitos foram os livros que utilizou. Segundo suas notas, disponibilizadas pela pesquisadora Elizabeth Miller (2008), ele tomou conhecimento do nome Drácula em um livro chamado *Um relato dos principados da Valáquia e Moldávia*,

escrito em 1820 pelo diplomata britânico William Wilkinson quando esteve em Bucareste. Neste livro o autor menciona a história de Drácula e numa nota de rodapé informa que na Valáquia Drácula significa diabo. Ao tomar conhecimento deste nome e seu significado, Stoker o usa para denominar seu vampiro. Conforme McNally e Florescu (1995:151), o autor teve contato com um manuscrito que descreve as atrocidades de Drácula publicado em 1485, o que colaborou para chamar sua atenção.

Quem foi este personagem histórico mencionado por Stoker e ligado definitivamente ao vampiro por Coppola?

Conhecido por Vlad Berasab, Vlad Draculea ou Vlad Tepes, ele foi um príncipe da Valáquia, distrito da Romênia, durante o século XV. Seu pai, também Vlad, foi nomeado cavaleiro da Ordem do Dragão pelo sacro imperador romano Sigismundo de Luxemburgo, daí vem o nome Dracul (dragão em romeno). Vlad Tepes ficou conhecido como Draculea (filho do dragão). O



Do folheto publicado por Ambrosius Huber em 1499, Nuremberg.

“Aqui começa uma história muito cruel e assustadora sobre um homem selvagem e sedento de sangue, Drácula, o calamitoso. Como ele empalou gente e as cozinhou, e ferveu suas cabeças em um caldeirão, e de como esfolou pessoas e cortou-as em pedaços [...] E muitas outras coisas terríveis que estão neste folheto [...]”

<sup>3</sup> Tradução de Transilvânia.

apelido Tepes, veio mais tarde, fruto de sua forma preferida de tortura: a empalação, que mantinha suas vítimas em uma lenta agonia por horas até a morte... Ficando assim conhecido como Vlad Tepes ou Vlad, o Empalador. Era sanguinário, mas obviamente, não era um vampiro.

A fama de Drácula atravessou a Europa 400 anos antes do livro de Stoker, através dos manuscritos alemães, eslavos e turcos e sua imagem de sanguinário e cruel foi difundida por toda a Europa pelos alemães principalmente, ressentidos pela política nacionalista de Vlad, que os reprimia e matava por serem comerciantes estrangeiros, enquanto ele buscava fortalecer a economia regional dos próprios romenos, como vingança pintaram-no como o próprio demônio por toda a Europa. Estes manuscritos disseminaram sua fama de governante cruel e diziam que Drácula, para comer o pão, molhava-o no sangue de suas vítimas. Existem inúmeras histórias sobre Drácula contadas pelos alemães, um dos manuscritos<sup>4</sup>, traduzidos pelo historiador Raymond McNally conta o seguinte:

[...] Meninos e adultos de várias procedências foram enviados à Valáquia a fim de aprender a língua e outros usos. Drácula mandou preparar uma armadilha para eles. Deixou que todos se reunissem numa sala e mandou queimá-los. Eram quatrocentos na sala. (confirmado por fontes romenas). [...] Uma vez tomou um caldeirão com duas alças e pôs sobre ele andaimes com pranchas e nelas mandou fazer buracos, de modo que as cabeças dos homens pudessem passar por eles. Então ateou fogo embaixo e pôs água no caldeirão para ali ferver os homens. Mandou empalar também outros homens e mulheres, jovens e velhos. [...] (Manuscrito nº 806 in: MCNALLY E FLORESCU, 1975:195-196)

Por outro lado, na Romênia Drácula é visto como um herói nacional por conta, justamente, de sua política nacionalista que pretendia proteger os interesses econômicos dos romenos. (MCNALLY E FLORESCU, 1995). “Ele é lembrado hoje na Romênia como um grande patriota e um personagem-chave no desenvolvimento da nação romena.” (MELTON, 2003:690).

Voltando ao filme vemos uma série de informações que corroboram a idéia que o vampiro e o homem são um só personagem. As cenas iniciais demonstram um acontecimento histórico encontrado em todos os livros. A tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos ocorreu em 1453, fato que marcou o fim da Idade Média e o

---

<sup>4</sup> Manuscrito nº 806 da Biblioteca do mosteiro de St. Gall, na Suíça.

início da Moderna, conforme a periodização convencional no Ocidente criada pelo alemão Christoph Keller. (GLÉNISSON, 1977:42).

No Concílio de Mântua em 1459 o papa Pio II lançou uma cruzada para deter o avanço turco sobre o território europeu, este avanço era um perigo para a cristandade. De acordo com McNally e Florescu (1975:54-67) somente o príncipe da Valáquia, Drácula, atendeu ao seu pedido. Suas razões para atender o pedido foram além da proteção à cristandade, sua rivalidade com o sultão Mehmed II era antiga. Durante o ano de 1462, Drácula executou uma série de manobras para expulsar o exército turco de seu território obtendo várias vitórias. Suas táticas de guerra assustaram o sultão.

Os turcos chegaram finalmente a Tirgoviste<sup>5</sup> mas não encontraram homem ou gado, comida ou bebida. [...] Por toda parte os poços estavam envenenados. [...] A umas tantas milhas ao norte, o sultão foi surpreendido por um espetáculo ainda mais desolador: numa estreita garganta de cerca de um quilômetro e meio ele encontrou uma verdadeira “floresta de cadáveres empalados, talvez 20.000 ao todo.” O sultão examinou o que restara de homens, mulheres e crianças, sua carne devorada pelos corvos que faziam ninhos em seus crânios e entre suas costelas. Entre eles o sultão encontrou os cadáveres de prisioneiros que Drácula havia conservado desde o início da campanha no inverno anterior. [...] Era uma cena horrível o bastante para desencorajar até mesmo o mesmo o homem mais frio. [...] “mesmo o sultão, tomado de pasmo, admitiu que ele não poderia tomar a terra de homem que faz tais coisas, e acima de tudo lida com seus súditos desse modo. Um homem capaz de fazer tais coisas seria capaz de coisas mais terríveis!” O sultão deu então ordens de retirada para a maior parte das forças turcas, e pôs-se em marcha para o leste em busca de um porto no Danúbio onde sua frota havia ancorado. (MCNALLY e FLORESCU, 1975:63)

A batalha para qual Drácula se encaminha no prólogo de Coppola faz referência a este período. Uma outra distorção da realidade histórica diz respeito a noiva de Drácula, na verdade sua esposa. O fato ocorreu realmente, entretanto não foi um ato de amor e sim de autopreservação. Em um dos momentos da guerra que se desenrolou em 1462, Drácula foi cercado pelo exército turco em seu castelo. Um escravo romeno, sem ser visto, atirou uma flecha com um bilhete no castelo informando sobre as ordens para atacar na manhã seguinte aconselhando-o a fugir. A flecha com o bilhete foi interceptada pela esposa de Drácula que avisou o marido sobre a invasão próxima e, em desespero, disse que preferia morrer a ser prisioneira dos turcos.

---

<sup>5</sup> Capital da Valáquia.

Percebendo o quanto era desesperadora sua situação, e antes de qualquer outra interferência, a mulher de Drácula subiu correndo as escadas e se atirou da torre. Esse ponto do rio [Arges] é hoje conhecido como *Riul Doannei*, rio da Princesa. Essa narrativa trágica é praticamente a única menção à primeira mulher de Drácula. (MCNALLY E FLORESCU, 1975:65)

A forma como foi contada a história no filme deixa claro o conhecimento de Coppola sobre a história real, contudo reforça a confusão e a dificuldade do público em separar realidade de ficção mesclando os dois. A princesa é real, o suicídio também, porém o motivo e o que se segue é absolutamente inventado.

Num outro momento do filme, mais a frente, já na Inglaterra vitoriana, o Dr. Van Helsing procura informações sobre Drácula encontrando um livro denominado *Vampyr*, ao abri-lo e folhea-lo ele mostra o folheto que usamos como ilustração acima e uma imagem de Drácula também constante neste trabalho, determinando a ligação entre o príncipe romeno Vlad Tepes e o vampiro perseguido conde Drácula. Tendo conhecimento destes manuscritos, Stoker, criou o mito do vampiro moderno, o aristocrata associando-o a Drácula. A criação de Stoker transformou a visão anterior do vampiro, que deixou de ser temido e repugnante, passando a ser admirado e, de certa forma, invejado.

Copolla foi mais longe em sua adaptação, causou empatia ao justificar toda a violência e crueldade do vampiro como um ato de revolta por um amor perdido. Para Buican (1993:142) alterando a lenda original, Copolla mostra Vlad, o Empalador como um homem perseguido pelo destino. Endurecido pela eternidade, ele se torna perseguidor.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Literatura e cinema são linguagens diferentes, a primeira usa a palavra para evocar a imaginação e deixa por conta do leitor recriar os personagens, o ambiente e as lacunas que os texto deixa em aberto, já o segundo traz a imagem em movimento, atores, cenários, ambientações que deixam pouco à imaginação do espectador. (GUARANHA, 2007:25).

A capacidade que o cinema tem de transmitir a sensação de realidade através da imagem em movimento e da recriação do ambiente e da história faz com que no imaginário do público perdure a impressão que aquele fato ocorreu, ou ainda, que os personagens

retratados sejam reais. Como diz Napolitano (2005:237) cria uma realidade mesmo que restrita ao tempo de duração do filme.

Em nosso entendimento, quando o cinema usa personagens e fatos históricos mesclados à narrativa ficcional, geralmente o público toma o que vê na tela como uma expressão da verdade. É o caso de muitos filmes já analisados por este prisma, como 300 (2007), Gladiador (2000), Cruzada (2005). Filmes que utilizaram ambientes e personagens históricos e acabaram por dar a entender que os fatos ali ocorridos foram reais ou que aquela era a história real dos personagens.

Em nosso caso, a vinculação feita pelo filme Drácula de Bram Stoker com Vlad Tepes criou a idéia que a história ocorreu daquela forma abrindo questionamentos sobre a verdadeira natureza de Drácula e sua história ao mesmo tempo que os acontecimentos retratados na película foram tomados como uma biografia, revigorando uma série de lendas sobre ele, inclusive lendas que dizem ser ele um morto-vivo. Uma delas diz respeito ao local de seu sepultamento,

Em 1931 o genealogista George Florescu e o arqueólogo Dinu Rosseti foram designados pela Comissão de Monumentos Históricos da Romênia para fazer escavações em torno do mosteiro e em outros lugares da ilha<sup>6</sup>. Ao encontrar o local indicado como a sepultura de Vlad Tepes os pesquisadores abriram o túmulo. “[...] nem o ataúde, nem o esqueleto foram encontrados. Em lugar disso havia um buraco profundo e vazio que continha os ossos de gado e outros animais.” (MCNALLY e FLORESCU, 1975:118).

Esta e outras lendas de conhecimento do público somadas ao prólogo incluído no filme só reafirmam a ligação entre o vampiro e o homem.

### **Referências Bibliográficas:**

BUICAN, D. **Les métamorphoses de Dracula: l’histoire et la légende**. Paris: Editions du Félin, 1993.

DRÁCULA DE BRAM STOKER. Título original: **Bram Stoker’s Dracula**. Direção: Francis F. Coppola. Produção: Francis F. Coppola, Fred Fuchs e Charles Mulvehill. EUA: American Zoetrope e Columbia Pictures Corporation, 1992. 1 DVD (127 min.). son., color.

---

<sup>6</sup> Onde fica o mosteiro de Snagov, na Romênia, mosteiro mantido e freqüentado por Drácula e onde, supostamente, seu corpo foi sepultado sem a cabeça. Em 1476 ele foi morto e sua cabeça enviada ao sultão Mehmed II como prova de seu assassinato.



GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos.** □ 2ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

GUARANHA, Manoel Francisco. Literatura e cinema: da palavra à imagem – adaptação e recriação. In: HÖFFER, Angélica (org.). **Cinema, literatura e história.** Santo André: UniABC, 2007.

MCNALLY, Raymond T. e FLORESCU, Radu. **Em busca de Drácula e outros vampiros.** São Paulo: Mercuryo, 1995.

MELTON, G. J. **O livro dos vampiros – A enciclopédia dos mortos vivos.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2003

MILLER, Elizabeth. **Bram Stoker, vampires e Dracula.** Disponível em: <<http://www.ucs.mun.ca/~emiller/>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Gaijin, os caminhos da liberdade: tempo e história. In: SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge. **A História vai ao cinema.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

STOKER, Bram. **Drácula.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.